

se tornará objecto, com construção e substância próprias e, portanto, independente euno.

Dizer com isto que a pintura de Abel Manta é menos espiritual seria arriscar-nos a dizer uma tolice. Se

Desculpe o indesculpável desan-
ho desta carta e creia-me

Seu sincero admirador

M A R I O V A Z

UM RETRATO

(DEPOIMENTO DO RETRATADO)

Abel Manta, que é hoje incontes-
tavelmente um dos nossos melhores
pintores retratistas, teve um dia a
gentileza de querer consagrar-me re-
produzindo numa tcla a minha vera
efigie. Ora, como uma das condições
essenciais para um bom retrato se me
afigurava ser um bom modelo, passei
num contínuo sobressalto uma grande
parte da primeira sessão em que *poi-
sei*. Obsediava-me o receio de preju-
dicar a glória do artista já tão admi-
rado, forçando-lhe o pincel a seguir
as linhas duras do meu rosto de re-
volucionário torturado e insatisfeito.
Mas a minha preocupação desvane-

ceu-se logo que o pintor me deu li-
cença para descansar da *pose* e que
eu a aproveitei para observar o qua-
dro que até ali eu só tinha visto de
través, o que me dava uma visão de-
formada da obra.

Fiquei surpreendido, se bem que
lamentando que o meu pobre nariz,
— em que muitos querem ver vesti-
gios de raça judaica e com cujo ca-
valete acentuado não nasci e me so-
breveiu duma pancada que sofri em
menino e moço, — se tivesse introme-
tido naquilo para que não devera ser
chamado: a Arte. O resto, que é
admiravel, como expressão, como

promenor, como fulgurante reprodução de vida, não sei eu explicar como foi obtido com o fraco e desageitado material que eu forneci: esta carcassa envelhecida e gasta, onde o sorriso se apagou há muito com as últimas ilusões mortas.

Este retrato demonstra bem o grande poder criador do admirável artista que é Abel Manta. Quanto á realidade da figura reproduzida não poderia a minha opinião valer muito, pelo pouco tempo que me detenho ao espelho, mas vale a duma filha que tenho e que, ao chegar o quadro a casa, logo me pediu que lho colocasse numa das paredes do seu quarto, para que o retrato lhe desse a impressão da minha presença permanente. E eu devo assim ainda ao pintor esta alegria que pude proporcionar, dando-me uma segunda vez a êsse pequenino coração enternecido, na surpreendente evocação que o engenho do artista realizou.

O pintor apanhou-me já no declínio da vida, de olhar amortecido, de pele enrugada, de cabelo quâsi todo branco. Não há, pois, a reear que com êste retrato se dê a fantasmagórica transformação de *The picture of Dorian Gray*, de Oscar Wilde. Pouco poderia envelhecer já e se, conformado, o aceito tal qual êle é, na dolorosa constatação da mísera decadência física que surpreende e denuncia, não chegarei nunca a esfaqueá-lo, no desespero e na decepção de me ver afastado da juventude, morto para todas as esperanças, e tendo de resignar-me á perda de todas as ilusões.

Conta-se que, tendo Anatole France poisado para o pintor Van Dongen (1) e tendo resultado o retrato uma coisa lamentável, que todos os admiradores do ilustre escritor deploravam, escrevera a um dos seus amigos que mais se tinha indignado com a obra «que os habitantes da Pingoninã (2) tinham sido *pingoíns* antes de serem homens e que Van Dongen se lembrara disso e o pintara

como *pingoím*.» No retrato estava assombrosamente exagerada a sua velhice. E só por bondade é que Anatole, a pedido do socialista Rapoport, que lhe havia apresentado o pintor, escreveu um *satisfecit* que êste podesse publicar.

Em público e raso declaro eu, porém, que o *satisfecit* que aqui deixo o não lavro constrangido e que a velhice que o pintor me atribui só me confrange e entristece pelo que representa de realidade. E que pena



não poder eu com verdade dizer mal do pintor acusando-o de ter cruelmente acentuado ou inventado os traços que exprimem a minha decadência...

C A M P O S L I M A

(1) Ler neste número da *Cultura* o estudo que a êste pintor dedica o nosso colaborador Eduardo Frias.

(2) Alusão ao seu livro *L'île des Pingouins*.